



1.º CONGRESSO DA J. A. P. (JUVENTUDE ADVENTISTA PORTUGUESA)

*E*onsoante dizíamos na nossa revista n.º 47, realizou-se o Congresso da Juventude Adventista Portuguesa, em Portalegre, no Seminário, de 1 a 6 de Julho.

Foi uma jornada muito amável e abençoada. Muito antes do início do Congresso, os alunos do Seminário esforçaram-se por tudo em ordem, a postos, tanto nas coisas essenciais como na ornamentação.

Na noite de 30 de Junho, o Seminário zumbia como uma colmeia, cheio de congressistas e outras visitas. Custou a fazer o silêncio tantas eram as conversações amigáveis entre pessoas que não se viam há muito. Os estudantes e jovens congressistas tiveram de se esforçar para conciliar o sono, visto terem trocado a sua cama por fetos e palha!

As 6 horas em ponto do dia 1, a sineta badalou a alvorada, de forma viva, enérgica. Ouviu-se de novo o zumbido da colmeia. Procuravam preparar-se o mais pronto possível. Uma hora depois ouviu-se novo toque de sineta chamando para o culto devocional da manhã. A capela em breve ficou repleta de gente moça que se apresentava diante de Deus para O servir com o seu corpo e espírito. Após o apelo para que todos se esforçassem por vencer Satanás que procuraria estragar, no conjunto e em cada caso pessoal, os benéficos efeitos do Congresso, seguiram-se fervorosas orações pela vitória e pelos Irmãos que tinham ficado nas Igrejas. A verdade é que Satanás foi vencido: nada de desagradável se passou durante o Congresso a não ser uma aluna que se feriu num joelho, sem gravidade porém. As 7 e meia todo o Congresso se encaminhou para os postes onde deviam ser hasteadas as bandeiras nacional e americana. A bandeira nacional foi hasteada ao som do hino português cantado em coro pelo orfeão do Seminário. À medida que a bandeira subiu lá para o

alto, à luz viva do céu português, os corações bem portugueses que ali se encontravam subiam para Deus agradecendo a bênção de termos nascido num país pobre mas pacífico. No final ouviu-se uma prece pela paz e prosperidade de Portugal e pelo êxito da sua evangelização. A bandeira americana foi hasteada dentro do claustro, como simples recordação dos nossos Jovens da América, dezenas de milhares deles que, com o seu esforço na Campanha das Missões, contribuem para nos facilitar a nossa tarefa e também por ser esse o país onde Deus quis que nascesse a nossa Igreja e fosse dado o Espírito de Profecia. Estava inaugurado o Congresso.

As 9 horas reuniu-se o Congresso para iniciar os seus trabalhos cujo resumo pode e deve encher um número especial desta Revista — o próximo número. Houve a máxima cordialidade, amor fraternal e conseqüente liberdade na discussão dos problemas da Juventude. As pessoas encarregadas das teses apresentaram-nas com muito esmero e até com certa arte. Formariam um volume bastante interessante.

Nesse dia à tarde entraram no Seminário os Irmãos Dunbar e Aitken, da Conferência Geral e da Divisão. Foi a primeira vez que a União Portuguesa teve a honra de receber a visita do Secretário Geral do M. V. O Irmão Aitken já pertencia à família e contava muitos amigos no Congresso. O Irmão Dunbar alcançou a sincera simpatia de todo o pessoal reunido para o escutar, centenas de pessoas.

O maior dia do Congresso não foi o do passeio à serra mas sim o dia de Sábado. Não haveria sala em toda a cidade para conter o número de pessoas, porque além de uns 200 congressistas e visitas, teríamos de contar com os nossos Irmãos e pessoas amigas de S. Julião, Reguengo, Ribeira de Niza, Niza e da

(CONCLUI NA PÁGINA 16)

O lugar que os pais ocupam

Nesta série de estudos e ensaios da juventude na semana que lhe é dedicada habitualmente uma vez no ano, fui amavelmente convidado a colaborar apresentando um trabalho subordinado ao tema a que aludi há pouco — «O lugar que os pais ocupam perante Deus».

É mui reconhecidamente que aqui me encontro e pus todo o interesse no humilde desenvolvimento de tão magno tema.

Possa este pequeno estudo contribuir para a grandiosa obra de preparação da Juventude Cristã, que desde sempre tem sido realizada pela verdadeira Igreja de Cristo, genêricamente, e por cada pai e cada mãe membro da mesma, é a única aspiração que possuo ao prestar a minha colaboração.

A paternidade sanguínea é símbolo da paternidade perfeitíssima e espiritual de Deus.

Ele é o Criador e Recriador de todos os entes do Universo. Senhor e Pai de Adão e de toda a Humanidade que desde sempre e até ao fim o quis como tal.

Deus incumbiu cada pai e cada mãe terrestre do preparo de seus filhos para o desempenho de uma obra que requer uma educação perfeita, que requer o desenvolvimento máximo e harmónico de todas as faculdades físicas, intelectuais e espirituais.

Essa obra exige homens e mulheres dotados de um carácter, de uma força de vontade e de uma consagração como jamais foram necessários para qualquer outro empreendimento. Já por certo sabeis a que obra me refiro, o que aliás não admira visto pertencerdes, como eu, à Igreja Adventista. Essa obra divino-humana porque é Deus a executá-la através de homens e mulheres é a pregação do Evangelho e a solene advertência da iminente e gloriosa volta de Jesus Cristo.

Esta mensagem é o grande objectivo da vida presente da Igreja Cristã e de cada um de nós em particular.

Embora pareça que me afasto do tema que me foi confiado, creio fundamental o conhecimento claro e perfeito da vontade e planos de Deus para a derradeira geração humana, sem o qual impossível nos será ter uma visão nítida dos deveres dos pais perante Deus e o lugar que ocupam na Sua Obra. Pais, estais convictos do grande objectivo dos crentes no momento presente? Credes sinceramente que o dever máximo de cada cristão dos nossos dias é preparar-se para a Volta de Jesus e advertir os outros que vivem alheados a tão importante acontecimento? Se assim sucede possuíis o elemento essencial para o cumprimento da missão de que fostes incumbidos por Deus.

Resumindo rapidamente, afirmamos que a missão dos pais e mães verdadeiramente cristãos é a educação de seus filhos para o desempenho perfeito da obra de Deus.

A definição de Educação tão simples mas tão rigorosa dada pela nossa Irmã, Senhora Ellen Whi-

te, já a conheceis e eu mesmo a repeti no princípio. É evidente que uma educação em que falte qualquer dos três aspectos físico, intelectual ou espiritual é incompleta.

A Ciência demonstra a interdependência psico-fisiológica, isto é, entre o espírito e o corpo, o que confirma os sábios ensinamentos do Criador através da Natureza da Bíblia e dos Testemunhos.

Não menosprezeis a educação física de vossos filhos porque ela influi grandemente na formação do carácter. E quando me refiro a tal, isto é, ginástica ou desporto, mas numa visão mais ampla quero tocar outros mais olvidados mas não menos importantes capítulos como alimentação racional, regularização de hábitos, higiene individual e colectiva e poderia descer a mais pormenores se isso não ultrapassasse o âmbito desta sucinta exposição.

Existe ainda infelizmente arreigada no espírito de muitos que se dizem cristãos a ideia errónea de que o desenvolvimento de nossas faculdades intelectuais é coisa secundária e mais até, é mesmo inconveniente, pois que, continuam dizendo, a Ciência perturba e abate a Fé.

Tal opinião medieval é falsa e absolutamente anticristã.

Se é gravíssimo erro supor somente verdadeiro aquilo que a experiência ou a inteligência humana alcançam, não é menos o outro extremo que consiste em banir completamente essa alta bênção de Deus que é o raciocínio de assuntos de importância máxima como os religiosos.

As verdades dividem-se em dois grupos: umas são conhecidas pela experiência e constituem a Ciência, outras, não menos reais, pois logicamente somos forçados a deduzi-las ou a admiti-las, embora não comprovadas ainda experimentalmente, entram na constituição da Fé.

As faculdades intelectuais da nossa juventude deveriam ser altamente desenvolvidas para uma mais ampla compreensão de Deus na Natureza e para defesa de Sua causa.

Onde haja jovens adventistas eles deveriam ser distinguidos dos outros pela sua cultura e carácter cristão.

E a educação espiritual? Podemos orgulhar-nos de possuir os princípios de fé e de moral mais perfeitos do Mundo.

Eles não são doutrina humana. O Autor dos princípios espirituais que seguimos é o próprio Autor da vida. É Deus perfeitíssimo e imutável. As nossas doutrinas e normas morais são instruções divinas extraídas do Livro de Deus e baseadas, em última análise, na Lei Eterna dos Dez Mandamentos.

Pais, deveis instruir vossos filhos desde tenra idade na Palavra do Senhor, animando-os a ler diariamente a Bíblia e os Testemunhos do Espírito de Profecia. Podemos ter lido muitas vezes as Escrituras, mas sempre encontramos aspectos novos de

perante Deus

por *Henrique João Faro*

Estudante do F. Q. N., Faculdade de Ciências

muitos temas e lições para a vida prática sempre actualizadas e aplicáveis a cada um de nós.

Dentre todos os aspectos da Educação há um que se me afigura o mais importante. É o desenvolvimento das faculdades espirituais.

Poderemos ter deficiências físicas e a nossa cultura ser reduzida, mas se formos detentores do carácter de Cristo baseado na Justiça e no Amor poderemos prestar um serviço muito mais eficiente do que aqueles que, embora possuindo abundantes talentos físicos e intelectuais, desprezaram a formação espiritual.

Existe um meio importantíssimo na educação do espírito e que por vezes somos levados a menosprezar. É a oração!

A oração é, como disse o doutor Alexis Carrel, a respiração da alma. Ela é um meio insubstituível para a obtenção do Poder Divino capaz de realizar em nós uma transformação total.

Os nossos maus caracteres serão transformados e as nossas imperfeições e faltas banidas uma após outra, quando actuar em nós o Espírito do Omnipotente, mas este poder invencível somente nos virá pela oração.

A juventude precisa ter uma visão nítida da importância desta fonte da Graça e incumbe também, e principalmente aos pais e mães, a instrução de seus filhos neste ponto capital.

Muito mais haveria a dizer, mas isso iria contra a brevidade que nos propusemos neste estudo tão simples.

Pais e mães adventistas, vós tendes realizado já uma grande obra guiando vossos filhos pelas veredas da Justiça e do Amor, que são os dois pilares sobre que assenta a educação cristã.

Parte dos frutos do vosso trabalho podeis vê-la hoje e durante esta Semana da Juventude. Aqueles que sentem a mágoa de não ver os filhos nos caminhos do Senhor desejo lembrar que não é demasiado tarde para o seu regresso, nem isso é impossível.

Fazei tudo quanto estiver na vossa mão a fim de reconduzir vossos filhos ou trazê-los pela primeira vez a Cristo, e quando outra coisa não puderdes realizar orai por eles e confiai no infinito amor d'Aquele que sofreu as penas que merecíamos para nos conceder as bênçãos e a glória a que tinha direito.

Pais e mães adventistas, reconsagrai-vos a Deus e uni-vos uns aos outros para cumprimento integral e fiel da augusta missão que Deus vos confiou e para que possais no dia da volta de Cristo exclamar jubilosamente: — Eis-me aqui, Senhor, com os filhos que me deste».

NOTÍCIAS

da Congregação de Tomar

No dia 30 de Maio p. p., as Sociedades dos «Jovens» e das «Dorcas» levaram a efeito as suas habituais festas de Beneficência e das Mães no meio de uma assistência «record».

Tudo o que dizia respeito a poesias, variólogos, canções, contos morais, etc., esteve a cargo da Direcção da Juventude. Enquanto que o lado benemérito esteve a cargo das irmãs Directoras das «Dorcas» e bem coadjuvadas por toda a Congregação.

Houve a boa intenção de acertar em tudo quanto foi feito e estou certo que acertámos. Pois tivemos a dita de vestir e calçar o maior número de crianças e velhinhas que já fora possível nesta Igreja de Tomar!

Foi com indizível alegria que vimos subir ao *estrado* aquelas 45 crianças e 5 velhinhas. Os seus rostos tão sorridentes pareciam dizer: «muito obrigados...» E nós com vontade de expressar aquele outro pensamento de Camilo: «A caridade é a *felicidade* dos que dão»...

Além destes 50 pobres contemplados ainda foram distribuídos dois enxovais por outros tantos recém-nascidos, um dos quais no Hospital da Misericórdia local.

Aos pobres e crianças presentes, ainda foram distribuídos bolos, gentileza que devemos à menina Maria de Lourdes Oliveira.

Ao terminar a nossa festa foi oferecido a todas as mães uma rosa, assim como um ramo das mesmas à mãe mais jovem, 18 anos, e outro à mais idosa, 90 anos.

Damos graças a Deus por sabermos que a «Caridade nunca acaba», e aguardamos com ansiedade o momento de poder, de novo, contribuir com alguma coisa que possa servir para alegrar os corações dos pobrezinhos.

Que todas as Congregações da nossa vasta União possam interessar-se verdadeiramente pelo Departamento das «Dorcas».

Que Deus abençõe todos quantos directa ou indirectamente se esforçam por levar avante esta tão bela e grande obra de Beneficência.

É o que deseja o irmão em Cristo

SAMUEL REIS

7 de Junho de 1948.

Ex.^{mo} Sr. Director da

ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

Rua de António Maria Cardoso

LISBOA

Senhor Director,

Consoante prometemos, enviamos a análise ao artigo sobre ADVENTISTAS, publicado na vossa Enciclopédia, vol. I, pág. 441.

Queira V. Ex.^a dignar-se dizer-nos se podemos contar com dizeres mais verídicos sobre «Adventistas» na Corrigenda em preparação. Não temos interesse nenhum em tomar uma atitude que possa prejudicar, perante o público, uma obra tão importante como a Enciclopédia.

Pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

O Director

A. Dias Gomes

1.º PERÍODO — «Seita americana fundada por William Miller e que aguarda uma segunda e iminente vinda de Jesus Cristo à Terra (do inglês Adventist).»

ANÁLISE

1) Do inglês Adventist

Não nos caiu nada bem esta etimologia inglesa saída da pena de autores de uma enciclopédia portuguesa e brasileira! Os ingleses foram buscar ao latim «adventum» o seu termo «adventist». Formaram-no da mesma forma que nós formamos tantos outros, pelo acrescentamento do sufixo «ist» semelhante ao nosso «ista», de budista ou anarquista. Logo, o termo adventista não veio do inglês mas sim do latim. Adventista é o crente no advento ou na segunda vinda de Jesus ao Mundo.

2) Seita americana fundada por William Miller

a) Em que sentido interpretar o adjectivo *fundada*?

Parece-nos que só pode haver dois sentidos: ou porque a seita nasceu dos trabalhos de Miller ou porque, nascida dos trabalhos de outros, recebeu de Miller a sua organização social.

Desafiamos o autor desta afirmação a que prove que William Miller foi o fundador, num ou noutro

destes dois sentidos, da organização Adventista ou, mesmo, da doutrina do Advento.

3) Aguarda uma segunda e iminente vinda de Jesus Cristo à Terra

«Uma» está errado. Se o autor tivesse consciência do que estava a escrever poria «a». A diferença pode parecer pequena e insignificante para leigos no assunto e, possivelmente, o autor do artigo foi um ignorante que se limitou a copiar a primeira informação colhida, sem reparar na qualidade da fonte. Mas os menos leigos, certamente sabem onde jaz a importância desta diferença.

EXPLICANDO

A doutrina do Advento é apostólica — S. Paulo I aos Cor. 16:22; S. João, no Apocalipse 22:20. Está no Credo Apostólico onde lemos: «Creio que há-de vir no fim do Mundo...».

Nunca deixou de ser pregada, com maior ou menor ênfase, nas igrejas cristãs. Não é difícil encontrar autores cristãos em todos os séculos que escreveram livros sobre esta doutrina. Antes de Miller, no século XVIII, o Jesuíta Lacunza escreveu no seu livro «A Segunda Vinda do Messias em Glória e Majestade» — queira notar o artigo definido atrás da expressão Segunda Vinda — as seguintes palavras: «O glorioso advento do Senhor Jesus é uma verdade divina, que é tão essencial e fundamental para o cristianismo como o seu primeiro advento para sofrer em carne...». Parece que não era essa a opinião da Censura daquela época e o livro foi posto no Index. Segundo lemos na «Brotéria» de Fevereiro de 1948, o último geral dos Jesuítas era da opinião de Lacunza e morreu crente nesta convicção.

CONCLUSÃO — Em vez da definição dada na «Enciclopédia» e que não corresponde à verdade, nós poríamos esta:

«Todos os cristãos que, em todos os tempos do cristianismo, viveram de harmonia com a doutrina de Cristo e dos Apóstolos sobre a Sua segunda vinda ao Mundo (do latim *adventum*).»

2.º PERÍODO — «Esta seita tirou do esquecimento a antiga heresia dos milenários, com ligeiras modificações.»

ANÁLISE

Em qualquer dicionário da especialidade encontraria o autor do artigo em análise a origem dessa crença no reino de mil anos nesta Terra. Veria que tal doutrina tem raízes sólidas no Velho e no Novo Testamento. Tão sólida é essa doutrina que foi aceita e ensinada por S. Barnabé, S. Justino, Santo Ireneu, S. Hipólito, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, etc., etc., os quais nem por isso perderam a auréola de santos. Heresia é termo muito relativo. Tudo o que a Igreja de Roma não aceita como verdade é heresia, embora seja afirmação tão clara como a luz do Sol. De resto, o mesmo acontece com qualquer outra igreja cristã. Se a doutrina do reino de mil anos é heresia, então foram hereges os autores de vários textos bíblicos entre os quais S. João no Apocalipse.

Resta, porém, uma observação muito importante: Adventista pode não ser um quiliasta. A doutrina do milénio é uma e a da segunda vinda de Jesus é outra.

CONCLUSÃO — Se fôssemos nós a escrever, com desejos de ser estritamente verídicos, omitiríamos a afirmação por não ser verdadeira em todos os casos.

3.º PERÍODO — «*Os seus adeptos crêem num futuro reinado de Jesus Cristo, em forma visível, sobre a Terra, e que durará mil anos. Durante este tempo, ressuscitarão todos os mortos, começando pelos santos que reinarão com Jesus Cristo, vindo depois o Juízo Final, em que os maus serão castigados e os justos entrarão na bem-aventurança eterna.*»

ANÁLISE

1 — O fundamento do Adventismo nunca foi qualquer interpretação sobre o Milénio do Apocalipse 20. Adventista é o crente em Cristo que aceita Sua segunda vinda conforme Ele a prometeu (S. João 14:1-3) e na forma por Ele indicada.

2 — Não é durante o milénio que ressuscitarão todos os mortos, como se pode concluir de simples leitura de Apocalipse 20.

3 — Começa o milénio com a ressurreição dos justos. Acabará com a ressurreição dos ímpios. Durante ele dar-se-á o julgamento dos réprobos que ressuscitam ao fim do milénio para receber a recompensa das suas más obras. É o que lá está escrito.

4 — Logo, o Juízo Final não vem depois do milénio mas sim durante o milénio, na fase que resuscita os réprobos.

CONCLUSÃO — Nós escreveríamos:
«Os cristãos adventistas crêem que os filhos de Deus ressuscitarão à vinda de Jesus, o que

será o início do milénio apocalíptico, durante o qual serão julgados os réprobos, a fim de determinar o castigo a sofrer; no fim do milénio, ressuscitarão os réprobos que serão destruídos com Satanás, depois do que a Terra será purificada e os filhos de Deus iniciarão a bem-aventurança eterna nesta Terra restaurada.»

4.º PERÍODO — «*Até 1831, a propaganda de Miller reuniu nos diferentes Estados da América grande cópia de prosélitos.*»

ANÁLISE

Está erradíssimo. Até 1831, Miller não reuniu grande cópia de prosélitos pelo simples facto de só começar as suas actividades em 1832 com o seu primeiro artigo numa revista evangélica, sob o título: «A vinda de Cristo e a destruição da Besta».

Essa grande cópia de prosélitos, mesmo no fim dos trabalhos de evangelização de Miller, em 1844, não ia muito além de 50.000, como poderemos provar se esta nossa afirmação parecer errada.

CONCLUSÃO — Nós escreveríamos, dentro da verdade:

«Até 1832, Miller estudou a Bíblia e ganhou o pão de cada dia. Nesta altura escreveu o seu primeiro artigo sobre a vinda de Jesus e em 1844 havia uns 50.000 adventistas nos Estados Unidos».

5.º PERÍODO — «*Aquele, porém, tinha profetizado o fim do Mundo para 1843 e depois para 1844 e, como tais profecias se não realizaram, viu a sua doutrina perder terreno e subdividir-se em vários ramos.*»

ANÁLISE

Em primeiro lugar diremos que Miller, em artigos publicados em 1842, afirmava o seguinte: «Estou plenamente convencido que, em algum momento, entre 21 de Março de 1843 e 21 de Março de 1844, segundo a maneira judaica de contar o tempo, Cristo virá...». É muito diferente de profetizar primeiro para 1843 e depois para 1844.

Em segundo lugar, não era doutrina fundamental dos crentes no advento, no tempo de Miller, a marcação de um tempo exacto. Pelo que podemos ver dos escritos dessa época chegados até nós, nem todos os pregadores do Advento viam as coisas por esse prisma. Por exemplo o presidente Ward, eleito para dirigir o movimento adventista em 1841, afir-

mava: «Do dia e hora ninguém sabe», e explicava que o Pai se tinha reservado o conhecimento daquele dia para que os homens vigiassem sempre e nunca pudessem dizer: «O Senhor não virá neste dia ou neste ano ou neste milénio, mas só em tal data» («Sinais dos Tempos» de 1841). No mesmo artigo, discordando dos que marcavam a data de 1843-1844, continuava Ward: «Não temos nada que ver com nenhuma destas afirmações e apenas queremos moderar a segurança com que uns e outros calculam as suas datas, etc». Havemos de concordar que o presidente Ward, que tinha de ser um sincero adventista, era de uma sensatez e certeza doutrinária a toda a prova.

Foi muita pena e é ainda hoje muita pena que haja crentes adventistas que desconheçam a célebre frase de Jesus: «Daquela dia e daquela hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, mas unicamente meu Pai» (S. Mateus 24:36). Em geral, nunca se prejudicam os que marcam o tempo exacto da vinda de Jesus porque, insinceros como são, não lhes causa prejuízo a «peta» que estão a impingir ao semelhante; mas tem causado grandes males aos incautos e lançado sobre a religião de Cristo um esposto véu negro de erro e mentira.

Parece-nos, porém, de tudo o que escreveram amigos e inimigos, que os marcadores da data de 1844 foram sinceros e coerentes com essa doutrina.

CONCLUSÃO — Nós poríamos:

«Aquele, porém, tinha interpretado as profecias cronológicas no sentido de que Cristo deveria vir entre 21 de Março de 1843 e 21 de Março de 1844, e como tais interpretações se não realizaram viu a sua doutrina perder terreno, em favor da dos seus colaboradores que não marcavam data fixa, e subdividir-se em vários ramos.»

6.º PERÍODO — *Os dizeres sobre Advent Christians não nos interessam, mas suspeitamos que estejam errados.*

7.º PERÍODO — *«Outro ramo é o dos Adventistas do Sétimo Dia fundado em Washington, em 1845, cujos membros celebram o sétimo dia.»*

ANÁLISE

Está erradíssimo. Em 3 de Maio de 1861 é que aparece pela primeira vez uma sociedade organizada sob o título de «Associação Publicadora dos Adventistas do Sétimo Dia». E só em Battle-Creek, em 20-23 de Maio de 1863, é que os delegados das diferentes igrejas votaram a constituição da Igreja Adventista do Sétimo Dia e nomearam seu primeiro presidente João Byington.

CONCLUSÃO — Deveria ler-se:

«Outro ramo é o dos Adventistas do Sétimo Dia, fundado em Battle-Creek, a 23 de Maio

de 1863, cujos membros guardam o sábado como sétimo dia de repouso.»

8.º PERÍODO — *«São vegetarianos e praticam a abstinência.»*

ANÁLISE

São, de facto, abstinentes de bebidas alcoólicas. Esta abstinência é razão básica dos Adventistas. Já o mesmo não se pode dizer do vegetarianismo, que está dependente das circunstâncias de meio e de saúde individual. Há casos em que não se pode aplicar o regime ovo-lacto-vegetalista por falta de alimentos e até por ignorância da arte culinária. Em tais circunstâncias, o Adventista sabe bem que «mais vale a vida do que o alimento» e que «o reino de Deus não consiste no comer nem no beber».

Achamos esquisito que um tratadista enciclopédico vá buscar doutrinas higiénicas para definir congregações religiosas.

CONCLUSÃO — Nós poríamos o seguinte: «São abstinentes e praticam o vegetarianismo sempre que não periguem a vida e a saúde.»

9.º PERÍODO — *«Crêem que no dia do Juízo Final os bons serão premiados e os maus totalmente destruídos.»*

ANÁLISE

As doutrinas ou se indicam como elas são ou não se alude a elas, sobretudo numa enciclopédia cujos dizeres vão ser lidos por milhares de leitores, levados assim a erros, com prejuízo moral e material da igreja visada. Os Adventistas do Sétimo Dia crêem qualquer coisa sobre este assunto mas bastante diferentemente do que vem indicado na enciclopédia e que poderíamos pôr assim:

CONCLUSÃO — «Crêem que serão premiados os bons na primeira ressurreição, à vinda de Jesus, e que serão totalmente destruídos os réprobos, após o julgamento, feito durante o milénio.»

10.º PERÍODO — *«Conta uns 60.000 filia- dos, com hospitais, sanatórios, escolas e mis- sões.»*

ANÁLISE

Mesmo que a enciclopédia tivesse sido publicada há trinta anos o autor deste artiguelho, se fosse investigador consciencioso, poderia ver nos anuários da denominação visada que, já nessa altura, tinha

muitas mais dezenas de milhares de membros do que os apontados pelo mesmo. Convinha apresentá-la sob um aspecto mais mesquinho do que o real?

11.º PERÍODO — *O que diz respeito à Church of God bem como à Life and Advent Union não nos deve interessar.*

Mas já assim não é com a frase: «...motivada por uma suposta revelação da senhora E. G. White.»

ANÁLISE

A frase é ambígua. Ficamos a não saber se as revelações de E. G. White deram origem à «Church of God». Além disso o adjectivo «suposta» precisa de correcção.

As revelações de E. G. White não foram supostas. Deu o que recebeu através da sua observação pessoal, do seu estudo de livros e homens, das suas

visões. Este adjectivo «suposta» fere muito a sensibilidade adventista e é uma calúnia à sinceridade de uma alma cristã.

Que as revelações de White tenham dado origem a outra Igreja que não a Adventista do Sétimo Dia deve estar errado. Nesta última igreja é que White viveu, morreu e deixou a sua obra, muito importante, embora não considerada igual às Sagradas Escrituras, a única regra de Fé e costumes dentro dos Adventistas.

CONCLUSÃO — Pomos, pois, em dúvida tudo quanto está escrito nesta última parte do artigo.

Depois do que atrás fica, não será com plena confiança que poderei ler as informações da «Enciclopédia» sobre qualquer assunto estranho ao meu conhecimento.

A. Dias Gomes

dificuldades

«Os servos de Deus não se devem deixar desanimar facilmente pelas dificuldades e oposições. Os que proclamam a Mensagem do terceiro anjo devem permanecer com bravura no seu posto, perante a traição e falsidade, combatendo o bom combate da

Fé e resistindo ao inimigo com as armas usadas por Cristo: «Está escrito». Na grande crise através da qual em breve passaremos, os servos de Deus vão encontrar a mesma dureza de coração, a mesma determinação cruel, o mesmo ódio incessante que Jesus e Seus apóstolos encontraram.

«Todos quantos naquele dia mau quiserem servir a Deus, de harmonia com os ditames da sua consciência, hão-de necessitar coragem, firmeza e conhecimento de Deus e da Sua palavra; porque os sinceros perante Deus serão perseguidos, os seus motivos serão impugnados, os seus melhores esforços desvirtuados e os seus nomes rejeitados como malignos. . .

«Alguns reparam sempre no lado discutível e desanimador dos factos e o desânimo, desta forma, se apodera deles. Esquecem de que o universo celestial está à espera de os fazer agências de bênçãos para o Mundo; de que Jesus é arsenal inesgotável donde os seres humanos podem obter força e coragem. Não se necessita abatimento e apreensões. Nunca haverá uma época em que a sombra de Satanás não seja lançada no atalho da nossa existência. . .

«Deus apela por colaboradores animosos que se recusam desanimar e desalentar pelas agências da oposição. O Senhor está a conduzir-nos e podemos avançar com coragem, na certeza de que Ele estará connosco, como no passado, quando trabalhámos com fraqueza mas sob o poder do Espírito Santo.»

(E. G. WHITE in G. W.)

SEMANA DA PREC

Leitura para Sexta-feira, 19 de Novembro

ENFRENTANDO A OPORTUNIDADE

POR LUÍS K. DICKSON

Em presença dos notáveis triunfos, sem paralelo, da mensagem, nos tempos passados, os actuais apelos são os mais urgentes e maiores da nossa história. Deus tem abençoado abundantemente o Seu trabalho, em cada divisão do grande campo mundial. Oportunidades maravilhosas e portas abertas, no máximo número da nossa história, enfrentam, agora, a igreja remanescente. Sem precedentes são os caminhos abertos aos avanços da mensagem, tanto na América como além-mar.

Com todas as coisas que nos foi possível fazer, em tão grande quantidade, ao dar a Mensagem, ficam-nos ainda numerosas multidões nas nossas cidades e nas terras de além-mar que estão esperando pela verdade e pelo pregador vivo. Há grandes populações da Terra, somando muitas centenas de milhões, que não foram ainda tocadas praticamente pelo evangelismo.

O pecado em breve colherá a sua pavorosa seara. Súbita destruição, nas mãos dos homens, pode qualquer dia iniciar a sua marcha de morte através de vários países do Mundo. Múltiplos são os sinais, por toda a parte, indicando que está iminente outra guerra ruínosa. Por certo a mensagem deve apressar os seus voos sobre a Terra, a toda a nação, e tribo e língua e povo. Um rápido trabalho, de dimensões mundiais, deve ser visto agora da parte desta grande Causa, na qual temos as nossas mãos empenhadas. Não só deve o povo de Deus ver a grande urgência da situação que enfrenta o Mundo, mas os próprios grandes homens da Terra reconhecem, tanto nos seus discursos como nos seus artigos, que o tempo não se prolongará muito — que estamos chegados à geração final deste Mundo.

S. João, na ilha de Patmos, predisse um tempo, nos últimos dias, em que «espíritos de demónios, operando milagres» estarão à obra, procurando levar as nações à confusão e ao caos. Homens por toda a parte, hoje, sem conhecer tais profecias, estão cônscios das forças sinistras que estão operando, sem descanso, por detrás do Mundo. Que estranho e subtil poder é este que, quase, sem ser notado pelos homens, coloca a sua mão furtiva mas firme sobre os negócios do Mundo, abalando os alicerces da sociedade e da civilização? Quem está a desenvolver, com tanta perícia, o espírito revolucionário entre as nações de forma que os homens, por toda a parte, estão cheios de medo e a tremer perante as consequências?

Oportunidade momentosa perante nós

Os rapazes e meninas desta época enfrentam condições que só lhes podem causar confusão, embaraço e caos. «Nunca nenhuma geração prévia foi chamada a defrontar oportunidades tão momentosas; nunca dantes enfrentaram os rapazes e meninas perigos tão grandes como os actuais...

«A centralização da riqueza e do poder; as vastas combinações do enriquecimento de alguns a expensas de muitos; a organização das classes mais pobres para a defesa dos seus interesses e pretensões; o espírito de desassossego, de revolução e sangria; a disseminação mundial dos mesmos princípios que levaram à Revolução Francesa — tudo isto tende a envolver todo o Mundo na luta similar à que convulsionou a França. Tais são as influências que a juventude de hoje tem de enfrentar» (*Educação*, págs. 225-228).

Satanás tira vantagem destas condições e está organizando a juventude do Mundo neste grande programa. Cada homem e cada mulher no Mundo será arrebatado pelo redemoinho dos designios satânicos, caso não pense com clareza, inteligência e coragem e seja fortificado pelo poder de Deus. Estamos, por certo, a entrar na fase final da última grande luta entre as forças do bem e do mal. Sem descanso, o inimigo manobra a tomar posição para o último ataque e a fúria da sua cólera, contra a igreja remanescente de Deus, começa a rebentar à nossa volta. Intensidade, velocidade e determinação entram em cada fase do programa do inimigo.

Há urgência também no Céu, embora escondida aos nossos olhos, mas que é superior aos acontecimentos e circunstâncias que nos ocasionam presságios sombrios aqui na Terra. O juízo está quase a findar. Deus não esperará muito mais tempo para trazer a justiça e o juízo sobre o Mundo pecaminoso.

Enquanto estamos enfrentando a tremenda tarefa e tão estranhas condições perante o povo de Deus; enquanto reconhecemos quão fracos somos para defrontar mudanças de tempo justamente perante nós, só podemos dizer como o apóstolo: «Quem é idóneo para estas coisas?» (2 Cor. 2:16). Como aqueles apóstólicos ouvintes da verdade, nós exclamaremos: «Homens e irmãos, que faremos?» (Actos 2:37).

Que faremos nós para alcançar estas vastas populações que se multiplicam mais rapidamente

do que nós poderemos avisá-las com as presentes facilidades e poder? Que faremos para suprir os meios de que carecemos para soar o apelo da poderosa trombeta nesta hora final? Que faremos para aumentar o poder de proclamar a mensagem da verdade? Os nossos esforços são demasiado fracos. O nosso dinheiro é pouco. As nossas facilidades não batem o passo com as necessidades da obra. As nossas instituições enfrentam problemas nunca antes observados por este grande movimento. Todos estes problemas são demasiado grandes e muito além do alcance da solução humana. Cada condutor, director e obreiro nesta causa prontamente concordará que as perplexidades da hora presente são demasiado aterrorizadoras, demasiado complexas para que as possamos resolver como povo.

Que devemos nós fazer?

Há duas coisas que podemos fazer — sim, nós *devemos* fazer.

Primeiro e acima de tudo, devemos confessar a Deus e uns aos outros a nossa grande necessidade e a nossa lentidão em procurar, encontrar e apropriar-nos dos dons da graça, oferecidos através de Cristo, que possam responder a cada um dos nossos problemas. Um grande momento de arrependimento de proporções mundiais deve surgir no meio do povo de Deus. A mensagem de Deus a nós hoje, como foi outrora, é: «arrependei-vos». Necessitamos de nos arrepender da nossa complacência, deslizes, impertinências e dureza de coração. Devemos arrepender-nos da nossa falta individual de procurar as coisas que precisamos espiritualmente, consoante Deus nos tem convidado. A nossa consagração é demasiado superficial e demasiado vulgar. As nossas orações são demasiado fracas e demasiado intermitentes. O nosso serviço pelo Mestre é quase pouco digno de ser mencionado, em comparação com o serviço sacrificatório que existiria nas nossas vidas se fôssemos seguidores de nosso Senhor. Sim, temos de nos arrepender com mortal angústia e fazer esse arrependimento de todo o nosso coração. Deus está à espera que nós venhamos a Ele, como se estivéssemos revestidos de saco e cinza, reconhecendo, na Sua presença, as nossas faltas e infidelidades.

Em segundo lugar, devemos, com a mesma franqueza e com fé e coragem sem precedentes, olhar frente a frente para a oportunidade. Qual é essa oportunidade que estamos enfrentando? É o facto evidente que, sem a dispensação do Espírito Santo de Deus, na proporção da chuva serôdia sobre a igreja, segundo a Sua promessa, estamos derrotados e perdidos. Esta oportunidade nunca foi enfrentada pela igreja nos tempos modernos. Alguns indivíduos têm-na enfrentado, enfrentam-na agora, e graças a Deus por isso. Mas há necessidade de procurar o prometido poder em proporções nunca dantes vistas na igreja nesta geração. Não podemos

adiar esta experiência, com segurança, por muito mais tempo.

Deus não zombava de nós quando disse: «Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á» (Mateus 7:7). A nossa grande dificuldade é que não tivemos a vontade de pagar o preço da oração que alcance resposta. A nossa comunhão com Deus é demasiado teórica. Comunhão com Cristo nem é compreendida nem desejada como deveria ser; considerando que o apelo de Deus, por Cristo, é para real comunhão com Ele.

De que consiste uma tal comunhão? Não significará, primeiro do que tudo, comunhão íntima através da prece? Não apela para uma obediência interna e externa à Sua vontade revelada? Não significa, também, que ambas estas obediências serão levadas à plena alegria e satisfação no Senhor, por fazermos assim?

Nenhum homem ou mulher, nenhum jovem, pode conhecer uma tal experiência sem ter dado o primeiro passo acima mencionado; principalmente, um sincero e íntimo arrependimento de tudo quanto sabemos ser inaceitável a Deus na vida individual. A todos quantos, desta maneira, procurem um arrependimento sincero e completo, será um prazer abandonar decisiva e inteiramente tudo quanto a razão, a consciência, a experiência ou a palavra de Deus e o Espírito de Profecia mostram que é prejudicial ou mesmo dubitável no hábito e na prática.

Uma tal vida voltará os ouvidos dos murmúrios ou conversações que despertem memórias profanas e que leve a mente a vaguear em imaginações vergonhosas. Uma tal pessoa firmemente se afastará de qualquer lugar onde a sua presença tornará a batalha contra as tentações mais difícil ou mais incerto o modo de emergir de uma vida confusa. Abandonará toda a indulgência que enfraqueça a sua vontade ou cauterize a consciência. Quebrará todos os laços de companheirismo e associação que o retenham ao passado e que tornem impossível ou dificultem seguir com perseverança o caminho de Deus. Ele dirá: «Fora com compromissos, com a facilidade ou indolência. Dou tudo quanto sou ao serviço do meu Salvador onde e quando Lhe aprouver».

Poder para a tarefa realizada

Sim, é agora que devemos enfrentar a oportunidade e pagar o preço necessário para a realização, nas nossas vidas, do cumprimento da promessa de Deus, segundo a qual poder será conferido de forma completa ao Seu povo. Esta diligência e cuidado para realizarmos as condições impostas ao cumprimento das grandes e preciosas promessas de Deus só podem vir a nós através do sincero arrependimento, consagração e oração importuna. «As inteligências celestiais trabalharão com o agente humano que procura com fé determinada aquela perfeição de carácter que atingirá a perfeição de

acção. A todos quantos se empenhem neste trabalho Cristo diz: «Estou à vossa direita para vos auxiliar». Consoante a vontade do homem coopera com a vontade de Deus, ela torna-se onnipotente. Tudo quanto tenha de ser feito ao Seu mandato, pode ser realizado na Sua força. Todas as Suas ordens são possibilidades» (*Lições Objectivas de Cristo*, págs. 332-333).

A luz destas extraordinárias promessas, quem poderá duvidar que Deus tem amplamente provido a potência para que este trabalho se termine, sem preocupação de dificuldades e mesmo que seja sombrio o panorama em determinados lugares. Este poder será dado sob condições bem definidas. «Quando nós tivermos consagração inteira e total ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse facto lançando o Seu Espírito sem medida» (*Review and Herald*, 21 de Julho de 1896).

Lemos ainda: «Os corações dos discípulos estavam sobrecarregados com uma benevolência tão completa, tão profunda, de tão grande alcance, que ela os levou até aos confins da Terra, testemunhando: «Deus nos defenda de nos gloriar a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo». Eles foram cheios de uma aspiração intensa de acrescentar à igreja todos os que deverão salvar-se. Eles chamaram os crentes a levantar-se e a fazer a sua parte para que todas as nações pudessem ouvir a verdade,

e a Terra foi cheia com a glória do Senhor» (*Testemunhos*, vol. 7, págs. 31-32).

Devemos tornar-nos mais intensos em procurar e, conseqüentemente, mais certos de encontrar Aquele que prometeu estar connosco até o fim. «É tempo de sermos mais intensos na nossa devoção. Está-nos confiado o árduo mas feliz e glorioso trabalho de revelar Cristo aos que estão nas trevas. Somos chamados a proclamar verdades especiais para este tempo. Para tudo isto o derramamento do Espírito é essencial. Devemos orar por ele. O Senhor espera que lho peçamos. Não temos estado de todo o nosso coração neste trabalho» (*Test. aos Ministros*, págs. 511, 512).

«Quanto deves tu ao meu Senhor?» (Lucas 16:5) é uma pergunta que todos deveremos enfrentar, uma vez, e responder a ela de todo o nosso coração. Agora é o tempo mais oportuno que jamais tivemos para pagar até ao máximo a dívida incomensurável ao nosso Mestre e Senhor. O que decidirmos fazer pelo nosso Senhor deve ser feito rapidamente. Depressa, muito depressa, Satanás planeia varrer o grande exército do Senhor de sobre a face da Terra. Agora é o tempo para o supremo sacrifício que vós sempre pensastes fazer antes de findar a história deste Mundo. Sejamos nós cheios do Seu divino poder, agora, para o serviço do Senhor no acabamento do trabalho.

Leitura para Sábado, 20 de Novembro

UM TRABALHO INACABADO DESAFIA O MOVIMENTO ADVENTISTA

POR J. L. McELHANY
PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA GERAL

Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam de todo o seu coração que o Senhor Jesus proveu uma base divina e profética para a proclamação do Movimento Adventista nas seguintes palavras: «E este Evangelho do reino será pregado em todo o Mundo em testemunho a todas as gentes e então virá o fim» (S. Mateus 24:14).

Alegramo-nos no facto que esta mensagem, anunciando as boas novas da vinda de Jesus, está agora a ser pregada em quase 700 línguas e, também, porque está iniciada em 227 países diferentes. Temos abundantes razões para agradecer a Deus pelo que tem sido realizado. O avanço deste trabalho em todas estas terras é, na realidade, um cumprimento profético. Procurar escrever a história deste trabalho seria uma simples narrativa das providências especiais em conduzir este povo praticamente através de todo o Mundo. Seria ainda a narrativa da entrega de centenas de homens e mulheres, conduzidos pelo Espírito, aos serviços missionários para todas as terras. Incluiria também a ajuda financeira leal e a múltipla abnegação de um número grande e sempre crescente de fiéis membros de igreja que acreditam nesta mensagem e que

estão fazendo a sua parte para auxiliar o acabamento deste trabalho em todas as partes do Mundo.

Em todos os progressos feitos, em todos os êxitos obtidos não há motivo para vaidade ou orgulho da nossa parte. Damos todos os louvores e crédito, por tudo quanto foi realizado, ao nosso Grande Conductor, o próprio Senhor. Temos de exultar e engrandecer o Seu santo nome pelo que Ele tem feito. Para nós, membros do movimento adventista, reservaremos apenas o desafio que nos enfrenta vindo de um trabalho inacabado. Em vez de complacentemente nos repousarmos no que foi feito, no passado, devemos agora fazer planos e utilizar todos os nossos recursos para o maior movimento de avanço de todos os tempos.

A esmagante seriedade da hora presente, a brevidade do tempo, a proximidade da vinda de Jesus, são apelos estridentes para que nos levantemos no poder do Espírito Santo e nos devotemos a desenvolver e acabar este trabalho em todo o Mundo.

Em muitos países os poucos obreiros que foram enviados são uma bem delgada linha de avanço. Quando entram nos seus trabalhos, multiplicam-se as oportunidades. Cada chama acendida no coração

de alguma alma à procura de Deus e da verdade alarga as necessidades e cria maiores demandas por mais obreiros e por maiores meios para ajudar a terminar o trabalho.

Há um aspecto do nosso trabalho que se torna aparente a cada observador atento e é assunto de solene importância. É o seguinte: As necessidades, os apelos e as oportunidades da hora presente ultrapassaram, por assim dizer, muito além dos nossos recursos. Este facto traz-nos a uma crise no nosso programa de evangelização. A pergunta não é quantas almas ganhámos mas, antes, quantas poderíamos nós ganhar se recursos financeiros suficientes fossem colocados no altar? Se pudéssemos enviar bastantes obreiros para preencher cada apelo, suprir cada necessidade e desenvolver cada interesse, que poderoso aumento não haveria no número das almas ganhas!

De todo o coração desejo que os nossos condutores em todos os países do Mundo pudessem, pessoalmente, hoje, dizer em todas as nossas igrejas a história das necessidades do Mundo. Por falta de tal oportunidade, tenho eu de contar-vos, com as suas próprias palavras, alguma coisa da situação nos diferentes campos.

* * *

O presidente W. G. TURNER, fala em nome da Australásia:

«O campo da Australásia apresenta hoje muitas oportunidades no que respeita ganhar almas. Uma das recentes áreas descobertas é a do interlande da Nova Guiné, a segunda maior ilha do Mundo. Aqui quase uns dois milhões de nativos primitivos habitam entre as montanhas, nalguns dos mais férteis vales do Mundo. Justamente nas vésperas da guerra, em 1939, começámos as nossas operações no vale conhecido pelo nome de Vale Ramu, junto do interior da ilha. Um pequeno grupo de nativos, na qualidade de catequistas, de Mussau (uma pequena ilha ao longo da costa da Nova Guiné), sob a direcção de alguns condutores brancos iniciaram as actividades.

«Veio então a guerra para este território e os nossos obreiros brancos foram retirados para as suas pátrias, deixando atrás deles os professores nativos. A esplêndida lealdade destes homens e a sua coragem em face do perigo e da morte fez uma profunda e durável impressão nos nativos destas aldeias montanhosas.

«Quando terminou a guerra, viu-se desenvolver nos povos nativos uma atitude inteiramente nova. Onde quer que os nossos missionários voltassem, encontraram mentes investigadoras, novos apelos para os nossos professores. O nosso director para este território relatou que podia colocar mil professores nesta área e ficar depois disto muito aquém dos pedidos em seu poder.

«Recentemente enviámos um certo número de casais brancos para trabalhar entre este povo necessitado. Mais ainda, foram colocados uns cinquenta novos professores nativos. Três escolas de treino missionário foram organizadas e providas de corpo directivo e, em breve, abriremos duas estações contra a lepra.

«Mas vastos vales com centenas de milhares de

nativos estão ainda pedindo, em vão, a mensagem. Com tão pouco tempo diante de nós temos de responder aos apelos, sem demora, para juntarmos nesta área de ilhas montanhosas trofeus da Sua graça que sejam levados ao Céu.

«Entre os outros catorze grupos separados de ilhas, no Oceano Pacífico Meridional, temos possibilidades em muitas áreas, tais como nas ilhas de Salomão, Papuas, Arquipélago de Bismarque, Novas Hébridas, Ilhas Orientais no grande e interessante Pacífico Meridional, em cujas águas abundam as mais numerosas e fascinantes ilhas do Mundo.»

* * *

O presidente A. L. HAM, falando em nome da Ásia Meridional, diz:

«Todo o campo está maduro para a ceifa, no momento presente. As mudanças políticas na Índia, Paquistão, Burma e Ceilão criaram nova atitude perante as actividades missionárias. A Voz da Profecia com a sua Escola Bíblica, recentemente organizada na Índia, alcançou uma inscrição de perto de 14.000 pessoas. Centenas requisitam visitas dos nossos pastores e obreiros e nem sabemos como havemos de responder a estes apelos. A necessidade de mais obreiros nacionais e mais missionários é premente. Temos pedidos urgentes dos nossos superintendentes. O Pastor Kimble, da União Nordeste, o Pastor Skau, da União Nordeste, o Pastor Mattison, da União Indiana Meridional, frisam-nos a necessidade de mais obreiros, indispensáveis para cuidar do interesse suscitado nos seus campos. Justamente no Punjab, onde tantas revoluções têm havido, o superintendente, que é um nativo, escreve ter tido 93 baptismos em 1947. Os que conhecem as condições concordarão que foi um êxito notável. Dizem que mesmo os não-cristãos em muitos lugares pedem obreiros para lhes ensinar o Evangelho. Há oferecimentos de auxílio para estabelecer os centros médicos e hospitais em muitas partes. Homens e mulheres de posição e influência nos estão assediando, mas nem temos homens nem dinheiro para responder a tais apelos.

«Os esforços evangelizadores que são presentemente mantidos têm tido uma assistência fora do vulgar. Confiamos ser agora a hora do esforço supremo para avançar num programa de progresso em todos estes campos. Não podemos dizer por quanto tempo durará esta oportunidade. Não devemos desapontar Deus neste tempo em que, certamente, nos dá uma posição favorável perante homens ilustres de todos os países desta Divisão e, entre nós, não deveríamos «fechar nem uma missão.»

* * *

O presidente E. B. RUDGE, falando em nome da União Britânica, diz:

«Em Maio de 1947 a Voz da Profecia radio-difundiu pela primeira vez, graças à ajuda dada a este campo pela Conferência Geral. O número de ouvintes a estas rádio-emissões tem aumentado continuamente. Justamente antes do começo destas

emissões já tínhamos iniciado a Escola Bíblica por correspondência e apenas onze meses passados já tínhamos 5.000 alunos. Estes dois esforços trouxeram uma grande inspiração ao nosso campo e estão agora a produzir frutos em almas ganhas para o Mestre.

«Trabalho de Evangelização: A despeito das numerosas dificuldades enfrentadas pelos nossos evangelistas em obter salões apropriados para as suas reuniões, temos recebido muitos encorajamentos ao ver as mais numerosas e belas assistências de há muitos anos a esta parte. Principalmente na Inglaterra Meridional.

«O nosso grande Problema: é como atingir perto de cinquenta milhões de pessoas dentro do nosso território desta União com os poucos meios ao nosso dispor. Sentimos que a Voz da Profecia e a Escola Bíblica por correspondência têm sido para nós uma nova avenida de acesso à nossa importante tarefa. Há umas 600 cidades com população superior a 10.000 habitantes que não receberam esta mensagem pelo pregador vivo. Estão prontos planos para a rápida extensão da Voz da Profecia e da Escola Bíblica por correspondência, bem como para outros mais importantes esforços de evangelização durante este ano, especialmente na cidade de Londres.

«Novo Trabalho: Em virtude do generoso auxílio recebido do Concílio de Outono em 1947, estamos fazendo planos para reavivar o trabalho no Eire. Já foram feitas as primeiras tentativas de organizar o Eire como missão separada e novos obreiros vão ser enviados para este campo muito difícil.»

* * *

F. G. CLIFFORD, secretário da Divisão Sul-Africana, falando em nome desta, diz:

«A interminável tarefa da Divisão Sul-Africana conta com vastas regiões no Congo Ocidental que estão ainda intangíveis a esta mensagem. Na inteira região da África Oriental Portuguesa temos apenas uma estação missionária perto da fronteira da Niassalândia. Mesmo na União Sul-Africana mal temos tocado na superfície da Zululândia, da Basutolândia e da Suazilândia.

«Mas os progressos feitos nos últimos três ou quatro anos são muito animadores. Durante 1947, oitenta e quatro novos obreiros com suas famílias juntaram-se às forças de obreiros na nossa Divisão Sul-Africana. Representam mais do que um crescimento normal, porque durante os anos de guerra foi praticamente impossível para nós obter recrutas de além-mar. Talvez interesse dar o número de baptismos nos passados quatro anos:

1944	3.954
1945	4.155
1946	5.979
1947	6.202

Como se vê, o ano de 1947 foi sem rival. De facto, foi o ano de maior número de baptismos em toda a nossa história neste campo. Estamos animados na África e agradecemos a Deus pela vitória ganha, e os campos onde ainda não iniciámos

actividades estão-nos desafiando para um maior trabalho para Deus.»

* * *

O presidente W. H. BRANSON, fala em nome da China:

O ano de 1947 foi gasto em procurar salvar da destruição da guerra o que se podia salvar. Muitas das nossas instituições e igrejas foram completamente destruídas e outras sofreram dano. Muitas destas foram reconstruídas, reparadas e mobiladas e estão agora a funcionar. Outras ainda estão em reparações e algumas encontram-se no estado de desolação à espera de fundos para a sua construção.

«Agradecemos a Deus pelo que se realizou na restauração de propriedades destruídas pela guerra, e no seu equipamento. Os nossos obreiros e membros na China estão excessivamente agradecidos aos dos outros países que cooperaram nesta restauração.

«Durante o ano de 1948 deu-se uma atenção particular ao esforço de ganhar almas. Na noite de 4 de Abril, cinquenta esforços diferentes de evangelização foram iniciados, com magnífica assistência, nas cidades da China, com o propósito de alcançar as multidões. Uma campanha idêntica foi planeada para a última metade do ano. Mensagens pela rádio estão sendo radiodifundidas, todas as semanas, das maiores cidades da China, e grandes quantidades de literatura religiosa e sanitária são lançadas a público.

«Mas a China é um vasto país. Nela se encontra um quarto da população do Mundo. Multidões compactas enxameiam as grandes cidades e aldeias ainda mergulhadas nas mais densas trevas do paganismo. Entre elas encontram-se inúmeros milhares de indivíduos honestos de coração e aspirando à verdade e à justiça. Hoje a China está apelando para que «Passeis a ela e a ajudeis». A nossa linha de missionários é demasiado fraca. Centenas de milhas se estendem entre as nossas estações missionárias e o campo nunca poderá ser coberto com uma pequena força de obreiros em acção e, desta forma, a igreja de Deus tem de esperar até que milhões de habitantes da China possam ser atingidos pelo Evangelho.

«A China apela por homens em maior quantidade, homens de coragem, de força, de bondade. Também apela por mulheres que, no temor de Deus, venham a esta terra e nos auxiliem. A tais pessoas, a China oferece maravilhosas oportunidades. Aqui há multidões por todos os lados e, no meio delas, cada alma é um candidato possível aos céus.

* * *

O presidente G. A. LINDSAY, fala em nome da Europa Setentrional:

«Estamos chegados aos últimos dias. Mas antes que a última tempestade se desencadeie, precisamos de fazer um grande trabalho. Para o concluir, necessitamos de muitas coisas. Podíamos começar por falar de escolas, igrejas e capelas onde os nos-

* *
O presidente R. R. FIGUHR, fala das necessidades da América do Sul:

«As grandes regiões impenetráveis da América do Sul são um desafio para o nosso povo. Quando olhamos para o mapa deste grande continente sentimos, ao mesmo tempo, gratidão e tristeza. Gratidão pelo que está feito e tristeza pelo que ainda está por fazer. Desde o estabelecimento do nosso trabalho, há mais de cinquenta anos, a obra tem progredido firmemente e tem-se estendido a oito países que constituem esta divisão. Em cada um temos agora crentes e em todas as oito capitais edifícios com apresentação e valiosas casas de culto. Os adventistas estão-se tornando conhecidos, com gerais simpatias, e, em geral, a nossa obra médica e educacional são muito apreciadas.

«O ano de 1947 foi o melhor, com aumento muito apreciável, na história dos batismos na América do Sul. O povo destas terras tornou-se extraordinariamente preocupado com o futuro e inquire do significado dos acontecimentos actuais, no Mundo. Os Adventistas do Sétimo Dia têm a resposta adequada. Com milhares de investigadores, à direita e à esquerda, podemos dizer que vivemos os nossos dias de oportunidade.

«Embora a verdade tenha feito progressos maravilhosos desde o seu aparecimento, ainda há vastos territórios impenetrados, onde os Adventistas são por completo desconhecidos. Grandes secções do Brasil estão sem obreiros. Este país, mais vasto em extensão do que os Estados Unidos, tem vastos campos missionários onde ainda não penetrou a Mensagem. O mesmo podemos dizer de outros países na América do Sul. Os Governos têm-nos animado a iniciar o trabalho entre as primitivas tribos Indianas e prometem-nos a sua cooperação. Até à data nada pudemos fazer nesse sentido. Estamos convencidos de que uma rica messe nos espera nestas regiões inexploradas se nós avançarmos agora.»

* *
O presidente N. C. WILSON, fala em nome da Divisão Norte-Americana:

«A vastidão da tarefa inacabada, na América do Norte, apresenta-nos um grande desafio, neste campo pátrio. Embora tenhamos consciência perfeita das bênçãos especiais de Deus, na proclamação da Mensagem Adventista, durante os últimos anos, temos de reconhecer, contudo, que estamos ainda longe de acabar essa tarefa. Agradecemos a Deus os milhares de leais e fiéis crentes espalhados por esta Divisão, mas ao mesmo tempo reconhecemos que, em grandes secções do nosso campo, muito pouco foi feito na proclamação da mensagem celestial para esta hora.

«Agradecemos a Deus mui fervorosamente pelas bênçãos e vitórias do passado e pelo crescimento animador da Sua causa na América do Norte, mas não podemos esquecer que enfrentamos o contínuo desafio de uma grande responsabilidade que só tem sido parcialmente respondida. Pensamos nas grandes cidades da nossa Divisão onde muitos milhões de pessoas vivem sem ser avisadas e arriscadas a sofrer os juízos de Deus. Pensamos ainda nas pe-

quenas cidades e vilas, nos milhões que vivem nos campos e herdades, em lugares solitários, onde a mensagem de verdade nunca foi levada.

«Na América do Norte temos de apressar o passo no recrutamento de novas almas, e de encarar o futuro com a segurança de que Aquele que nos conduziu e auxiliou, no passado, há-de revestir o Seu povo de poder e bênçãos suficientes para a emergência e necessidade da hora presente.»

* *
O presidente A. MINCK, da Divisão Central Europeia, declara:

«O nosso resumo estatístico para 1947 é encorajador ao máximo. Tivemos um aumento em batismos de 5.573 almas; em 1946, baptizámos 3.014. Estamos muito gratos a Deus por estas almas, porque trouxeram alegria e coragem aos nossos corações. O número total de membros actuais na Alemanha é de 31.278.

Também agradecemos à Conferência Geral e a todos os doadores pelo valioso auxílio que nos foi dado. Possam as bênçãos do Céu descer em abundância sobre todos quantos auxiliaram a mitigar a nossa grande necessidade. Levará provavelmente alguns anos antes da Alemanha poder sair da necessidade de comida e de vestuário. Procuramos o melhor que podemos auxiliar-nos e, embora os nossos membros tenham feito grandes sacrifícios, não poderemos vencer sem o auxílio do exterior.

«Necessitamos das vossas orações. Agradecemos também a todos os Irmãos e Irmãs, em nome dos nossos colaboradores obreiros, pela boa vontade, amor e confiança que nos foi mostrada. Possa Nosso Senhor abençoar-vos ricamente.»

* *
E. E. ROENFELT, Secretário Associado da Conferência Geral, fala em nome das Uniões do Meio-Oriente e Etiópia:

«Os 8 milhões que vivem no território da União do Meio-Oriente, na maioria mussulmanos, onde existem menos de 1.500 membros, dizem-nos que a nossa tarefa está inacabada. Vastas áreas, com milhões de habitantes, ainda não foram penetradas pela mensagem. Em grandes cidades e vilas e em muitas aldeias, a voz do pregador Adventista ainda não se fez ouvir.

Embora tenha sido difícil ganhar estes povos islâmicos ao Cristianismo, onde quer que tenha havido um verdadeiro trabalho de evangelização entre eles, frutos foram colhidos. Há pouco, o missionário Kenneth Oster, da Missão Persa, gastou mais de uma semana em uma aldeia maometana. Todas as noites tocava na sua trombeta alguns hinos, na praça da povoação. O povo reunia-se em volta dele e ele, então, pregava-lhes a mensagem. Até os padres islâmicos ouviam com atenção e muita gente expressava a sua convicção de que estavam a ouvir a mensagem do Deus do Céu, e rogavam ao Irmão Oster que voltasse para os instruir melhor.

«Os milhões destas terras bíblicas apelam para nós, hoje mesmo. Temos urgente necessidade de uma tipografia para a produção de literatura na língua popular e, acima de tudo, um exército de homens e

mulheres com ardente amor nos seus corações por estes povos e que lhes tragam a mensagem do amor redentor de Cristo.

A Etiópia, com os seus 16 milhões de habitantes, mas foi abordada. Em nenhum outro país do Mundo, possivelmente, gozamos nós da mesma simpatia do Governo como na Etiópia. Ninguém sabe quanto tempo durará esta situação. A grande necessidade do momento é uma eficiente escola de treino missionário para preparar uma forte equipa de evangelistas e professores nativos que avancem a proclamar a mensagem aos seus concidadãos. A hora avança e o que tivermos a fazer deve ser feito já».

* * *

WILLIAM McCLEMENTS, superintendente da União de Missões do Oeste Africano, declara:

«Rejubilamos perante as numerosas bênçãos derramadas sobre o trabalho na África Ocidental, que resultaram numa comunidade de 8.500 almas. Outras 8.000 estão nas classes baptismais e mais de 30.000 nas escolas sabatinas. Muito há ainda a fazer em alguns dos campos já entrados. Por exemplo, na Nigéria Setentrional, com 11 milhões de almas e apenas com uma pequena missão médica.

Olhando para o território da União do Oeste Africano, em um mapa, ficamos estupefactos perante a visão de *grandes campos virgens onde não foi ainda estabelecida uma só missão adventista*. Parai por instantes a examinar um mapa da África. Temos nela um território com mais de 1.600.000 milhas quadradas e uma população de mais de 11 milhões de pessoas, sem uma só estação missionária. Uma parte deste território pertence a colónias francesas. Necessitamos de jovens consagrados, homens e mulheres, para iniciar o trabalho nestes países difíceis — nove famílias pelo menos, de forma a que possamos enviar uma só família de missionários brancos a cada um dos nossos campos. De onde sairão estes jovens? Como poderemos ocupar estas terras e quanto tempo teremos nós de esperar para penetrar nelas?

«Irmãos, precisamos levar a mensagem a estes territórios. Necessitamos de missionários consagrados, bem como de um centro educativo para os campos de língua inglesa e outro para os de língua francesa mas, acima de tudo, carecemos do derramamento do Espírito de Deus sobre nós, como obreiros, para podermos terminar a tarefa na África Ocidental».

* * *

E. E. HACKMAN, presidente da Divisão Inter-Americana, diz-nos:

«Nos últimos sete anos fizeram-se 42.000 baptismos na nossa Divisão. Em 1947 houve mais decente.

10.000 baptismos. No recente Conselho da Divisão, os dirigentes fixaram o alvo de 11.000 baptismos em 1948. Desde 1941, organizámos dois sanatórios-hospitais esplêndidos e várias clínicas mais modestas. Nove médicos dão todo o seu tempo a trabalho denominacional onde não havia um só há sete anos atrás. A colocação da nossa literatura deu ganho apreciável. As vendas de 1947 alcançaram quase \$600.000 (15.000 contos) e temos uns 500 colportores.

Cinquenta e cinco estações estão agora radio-difundido a Mensagem, através da nossa Divisão, em inglês, espanhol e francês. As Escolas Bíblicas da Voz da Profecia foram organizadas nos territórios de cada união de missões e têm milhares de estudantes alistados. Como resultado desta sementeira sem precedentes, durante anos, uma grande colheita de almas preciosas está amadurecendo em cada campo. Onde quer que os nossos obreiros realizam conferências há milhares de ouvintes. Os nossos obreiros laicos estão recolhendo colheitas abundantes. Parece que toda a Divisão está rebentando pelas costuras. Como enfrentar este vasto problema, pastorear e acomodar os milhares de crentes que abraçam a Mensagem neste campo, é um problema que parece cada vez mais difícil à medida que passa cada ano.

Temos dezenas de igrejas organizadas e grupos nas ilhas francesas de Martinica e de Guadalupe, mas nem uma só capela possuímos. Embora o trabalho tenha feito grandes progressos, neste campo, durante os anos recentes, no entanto há milhões de almas que nunca ouviram a Mensagem. Cinquenta e cinco milhões de almas em perigo de julgamento vivem em vinte e sete países desta Divisão e, entre eles, só uma fracção mínima ouviu já as verdades da Bíblia. Temos de fazer alguma coisa para evangelizar os milhões de índios da Colúmbia, Guatemala, Nicarágua, Panamá e ainda outras seções».

* * *

Irmãos e Irmãs, tendes ouvido os apelos excitantes de todas as partes do Mundo. De certeza, estamos enfrentando o desafio de uma tarefa inacabada. Sentido profundamente a nossa grande necessidade do divino poder, entremos numa aliança destinada a interceder pelo derramamento do Espírito Santo. Prezadíssimos confrades, ponhamos hoje o que temos e somos sobre o altar do serviço e sacrifício. Mantenhamo-nos completamente leais ao grande objectivo desta mensagem que é a proclamação da vinda de nosso Senhor e Salvador. Em que medida responderá, agora, o nosso povo a este nosso apelo? Hoje é dia da oportunidade, nesta própria hora se faz ouvir o apelo de Deus a cada alma

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

••

Cont. e Ilhes Colónias

Número avulso. 1\$50 2\$00
Assinatura anual 7\$50 10\$00

Redacção e Administração:

Rue Joaquim Bonifácio, 17

••

Composição e impressão:

Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rue das Picoas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES

1.º Congresso da Juventude Adventista Portuguesa

(CONCLUSÃO DA PÁGINA)

Igreja de Portalegre. Arranjámos uma boa sombra sob os sobreiros da quinta e ali nos reunimos para a Escola Sabatina e para o Culto. Houve umas 16 classes da escola sabatina, algumas delas contando mais de 30 membros! Depois seguiu-se o culto feito pelo Irmão Dunbar. Ao fim do culto, ao apelo deste Irmão dezenas de pessoas levantaram-se, aproximaram-se da mesa, significando a sua consagração definitiva a Deus e à Sua Igreja. Fez-se a colecta para o Fundo de Construções, no final do serviço divino.

À tarde, tivemos a reunião missionária. O missionário Candeias, chegado de Angola, fez uma exposição realista, mas algo negra, do trabalho nas missões. A Juventude, porém, não se deixou desanimar com tanta negrura. Cheia de entusiasmo, dezenas de nomes apareceram na mesa, de rapazes e meninas que declaravam estar prontos a marchar para as missões se Deus e a Sua Igreja os chamassem ao trabalho ali. E significavam o que assinavam, pois nós bem os conhecemos e sabemos da sua coragem e prontidão. Para isso contribuiu muito o bom aspecto de saúde, melhor do que o que daqui levou há anos, do nosso Irmão Candeias. Foram feitas preces pelos nossos Missionários.

Depois seguiu-se um culto de baptismos na cerca do Seminário. Dezasseis pessoas se baptizaram, sendo algumas de fora de Portalegre, das outras Igrejas representadas. Quiseram levar a lembrança do seu baptismo aliada à recordação do Congresso. Tiveram uma assistência amiga e respeitosa.

A noite houve uma reunião na Igreja da Cidade. Não havia possibilidade de obter lugar na sala de culto habitual com 200 assentos. Organizou-se a reunião no jardim, sob o cintilar das estrelas, numa atmosfera agradável e fresca. Mais de 400 pessoas estavam reunidas, sentadas e de pé. Houve um serão de variedades, entre as quais tiveram primazia uns belos filmes cinematográficos trazidos pelo Irmão Aitken. Muito instrutivos, pois ensinavam como se faziam os acampamentos da Juventude na França e na Suíça. Também um belo filme sobre as belezas naturais dos jardins americanos. Quando os Congressistas entraram no silêncio devia já passar da meia-noite!

Mas os trabalhos ao outro dia seguiram o seu ritmo sempre com entusiasmo.

No dia 6 deu-se um amável passeio de confraternização. O proprietário da linda

Quinta da Saúde, cheia de frondosas árvores e água puríssima, pôs a sua propriedade à nossa disposição. E contribuiu esse passeio de descanso para retemperar as forças perdidas. Na manhã do dia 7 começava a debandada. O Convento de Santo António iria ficar deserto, contemplativo, à espera de novas jornadas de energia, alegria e entusiasmo.

ALGUNS DADOS INTERESSANTES

- 1 — O corpo de Polícia do nosso Congresso nada teve a fazer perante a correcção com que todos se portaram.
- 2 — A comissão da ementa esteve de parabéns pela boa comida que pôde apresentar. Por sua vez, os extenuantes trabalhos de cozinha foram levados a bom termo pelas cinco cozinheiras chefeadas pela cozinheira do Seminário, a Irmã Adelina Camacho.
- 3 — A Escola Sabatina teve mais de 300 membros.
- 4 — Houve 16 baptismos. Mais 16 novos membros nas diferentes Igrejas da Conferência.
- 5 — Trinta e três pessoas se consagraram definitivamente a Deus. Os seus nomes aparecerão no relatório do Congresso.
- 6 — Dezenas de jovens apresentaram a sua boa vontade para servir na Obra de Deus, nas missões ou onde «Deus os mandar».
- 7 — Raríssimos foram os jovens que não assistiram a todas as reuniões. Era difícil convencê-los a fazer qualquer coisa que os desviasse das reuniões. Tinham a ideia nítida que o Congresso eram os trabalhos da Assembleia.
- 8 — O Espírito de Deus esteve presente e todos sentiram a Sua suave influência.
- 9 — Pela primeira vez desde a sua fundação, o Convento de Santo António sentiu prazer em ostentar a bandeira verde-rubra sobre a cruz do seu campanário e se viu iluminado a lâmpadas fluorescentes. Muitos portalegrenses nos disseram do bonito efeito que produzia a iluminação vista da cidade.

O Movimento Adventista não morrerá enquanto a Juventude viver.